

Só chuva em janeiro evitaria o racionamento

• Especialistas dizem que, se até o fim de janeiro não chover o suficiente para encher os reservatórios, o governo terá de adotar um plano de racionalização do uso da energia. Para eles, quanto mais tempo passar, maior será a economia forçada de eletricidade. Contrariando a Aneel, o ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, descartou o risco de apagão. **Página 21 e editorial "Em tempo"**

Quinta-feira, 10 de janeiro de 2008

O GLOBO

ECONOMIA

21

À espera das águas de janeiro

Para especialistas, é preciso plano para racionalizar uso de energia se não chover no mês

Mônica Tavares

BRASÍLIA

O prazo máximo para as chuvas chegarem com regularidade antes que o governo lance um plano responsável de racionalização do uso da energia é o fim de janeiro. Esta é a opinião de técnicos e especialistas do setor, para os quais, quanto mais tempo passar, maior será a economia forçada de eletricidade em caso de situação realmente crítica, como ocorreu no ano passado. No apagão de 2001, o consumo de energia foi cortado em 20%.

— Se chegar ao fim de janeiro, e não chover de forma suficiente, depois das análises técnicas, não há como o governo não lançar uma campanha de racionalização de energia — disse o presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace), Lindolfo Paixão.

Mesmo refutando a hipótese de apagão, o ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, deu a entender ontem que o mercado tem razão ao considerar o fim de janeiro ou "meados de fevereiro", a data-limite para se diagnosticar exatamente a situação de abastecimento:

— Se nós sentirmos no final do mês que está muito pior, que está com muito menos chuva, que estamos caminhando para um dos piores períodos da história... se acontecer alguma coisa como isto, aí nós vamos tomar as medidas.

Uma experiente fonte do setor, que vivenciou de perto o racionamento entre junho de 2001 e fevereiro de 2002, concorda com os empresários: o custo de se atrasar decisões de economia é uma redução de consumo de energia mais significativa adiante.

Técnicos sugerem reajustar GNV

• Ele explicou que janeiro, fevereiro e março são os meses em que mais chove no país. Em abril, o índice pluviométrico costuma cair. Mas nos primeiros oito dias de 2008, choveu o equivalente a 48% do volume médio para o período dos últimos 76 anos em que o sistema é medido. O técnico avaliou que, se o quadro não mudar até o dia 31, o governo deve implementar medidas de contingenciamento imediatamente.

Tanto para mercado quanto para técnicos, existe um conjunto de ações de baixo impacto para a sociedade que ajudaria a prevenir um apagão. A primeira delas é uma campanha de uso racional da eletricidade, orientando os consumidores a tomarem medidas, como diminuir o tempo do banho, caso o chuveiro seja elétrico.

— O desperdício é óbvio, as pessoas deixam as lâmpadas ligadas. A primeira providência é uma posição filosófica do consumidor, que gasta dinheiro com a conta de luz — defendeu Lindolfo Paixão.

Do lado técnico, as ações deveriam ser voltadas a poupar gás para o uso das termelétricas, que têm de ser acionadas quando os reservatórios das hidrelétricas estão muito baixos. A Petrobras não tem insumo suficiente para acionar todas as térmicas. Cerca de 3 mil megawatts a mais de energia poderiam ser gerados, segundo especialistas, se houvesse disponibilidade de gás hoje.

Para liberar esse gás, a sugestão dos técnicos é que a Petrobras substitua o combustível pela nafta para fazer funcionar suas refinarias. Em 2007, a estatal consumiu em suas unidades de exploração e produção, em média, 7,9 milhões de metros cúbicos por dia (m³/d) de gás natural, de um total de 49,39 milhões(m³/d) no país.

Outra medida seria aumentar o preço do gás natural veicular (GNV), privilegiando o uso térmico. Também é defendido que a Petrobras corte o fornecimento às distribuidoras do volume de gás que não está contratado.

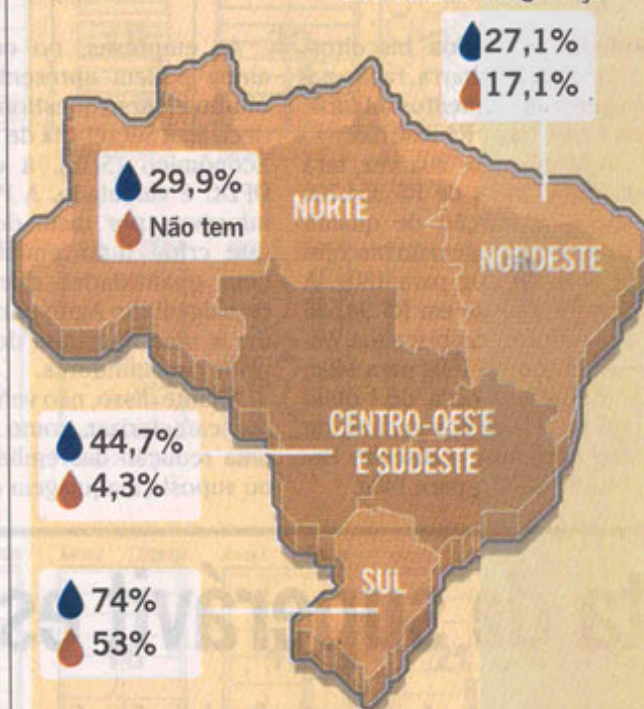
Paixão alertou ainda que o crescimento econômico do país precisa estar amarrado à expansão do sistema elétrico, ponderando que o Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) foi lançado sem esta preocupação. ■

Alguns números do setor

Situação em 8 de janeiro de 2008

NÍVEL DE ARMAZENAMENTO DOS RESERVATÓRIOS

Nível do reservatório Percentual acima do nível mínimo e segurança



Onde a situação é mais crítica

Norte e Nordeste

Tucuruí

23,49%

da capacidade total

Sobradinho

19,06%

da capacidade total

FONTE: Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS)

CONSUMO DE ENERGIA

Em MW médios

Hidrelétricas

37.119MW

69,54%

Eólica

41MW

0,08%

Itaipu Binacional

10.402MW

19,49%

Térmica nuclear

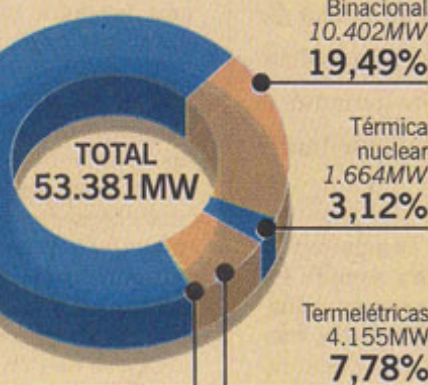
1.664MW

3,12%

Termelétricas

4.155MW

7,78%



Algumas medidas de racionalização que poderiam ser adotadas preventivamente pelo governo

- Substituição do gás pela nafta como insumo das refinarias da Petrobras. O gás seria usado na geração de termelétricas
- Desvio, pela Petrobras, do gás poupado no consumo próprio para as termelétricas (que reforçam a geração de energia)
- Aumento do preço do gás para uso automotivo de forma a inibir o consumo
- Corte, pela Petrobras, do volume de gás não contratado hoje fornecido às distribuidoras, com ações na Justiça, se preciso
- Informar à sociedade que cresceu o risco de um apagão e lançar uma campanha para que a população economize eletricidade por conta própria, adotando procedimentos como não deixar os aparelhos eletroeletrônicos em stand-by, apagar a luz em cômodos que não estão sendo usados e controlar o tempo de banho com chuveiro elétrico

FONTE: especialistas

Sebastião Moreira/EFE/21-5-2007



USINA DE ITAIPU: reservatórios estão baixos porque chuva em janeiro ficou 48% abaixo da média nos últimos 76 anos

Ministro descarta risco de apagão este ano

Hubner rebate críticas de diretor da Aneel. Ambos foram chamados para reunião com Lula

Mônica Tavares

• BRASÍLIA. O ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, rebateu ontem as críticas do diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, sobre a possibilidade de ocorrência de apagão energético este ano. Mesmo com a situação crítica de chuvas neste início de janeiro, Hubner garantiu que não haverá racionamento no país, tanto em 2008 quanto em 2009, e afirmou que Kelman emitiu uma opinião pessoal, que não é compartilhada sequer por sua equipe no órgão regulador.

À noite, Hubner, Kelman e o presidente do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Hermes Chip, foram chamados ao Palácio do Planalto para reunião com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, líder das discussões deste setor no

governo, também estava presente.

— Está descartado o apagão elétrico em 2008 e em 2009 — garantiu o ministro.

Hubner deixou claro que ele e Kelman se opõem quanto as políticas que devem ser adotadas para o setor. Para o diretor da Aneel, é necessário começar a elaborar um plano de economia preventiva de eletricidade e de gás e um planejamento para o caso de apagão.

— Foi uma posição individual do diretor da agência, que não refletia o pensamento da Aneel. O que nós temos feito é permanentemente conversado. Já chamei o doutor Kelman para a discussão de todas as divergências que temos. Temos reuniões permanentes do CMSE (Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico). Amanhã (hoje) mesmo temos uma reunião do CMSE — disse Hubner.

O dia começou tenso na Esplanada. Hubner passou a manhã no

ministério em reuniões técnicas e, por volta das 14h, deixou o prédio sem falar com a imprensa. Segundo informações de bastidor, teria tido então o primeiro encontro com Lula. No fim da tarde, retornou à pasta e deu uma entrevista para descartar o apagão. Tentando evitar o clima de emergência em torno da situação energética, negou que toda a cúpula do setor elétrico iria ao Palácio para despachar com Lula. Mas foi exatamente o que ocorreu.

Hubner: se não chover de jeito nenhum, não há o que fazer

Hubner explicou ainda que o país tem um sistema elétrico que é 90% hídrico, mas que não significa que se não chover um pouco vai faltar energia. Para ele, "de fato, se não chover de jeito nenhum no Brasil" vai faltar energia, água, alimento, vai faltar tudo, "não tem o que fazer".

— Mas não é isto o que acontece.

Sem gás, Rio perde por dia R\$ 20 milhões

• O Estado do Rio poderá ter um prejuízo de quase R\$ 20 milhões por dia se sofrer um novo corte no fornecimento de gás natural. O alerta foi feito ontem pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, em carta que encaminhou ao Ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner. Gouvêa Vieira teme que já no próximo mês ocorram cortes no fornecimento de gás para as indústrias do Estado do Rio, para geração de energia nas termelétricas. Isso prejudicaria o Estado que prevê receber investimentos de R\$ 107 bilhões até 2010 e geração de 310 mil empregos.

— Se não chover até o fim deste mês vamos ter problemas. Ainda é cedo, mas é preciso se preparar para evitar prejuízos maiores nas indústrias, como as de vidro, siderurgia e química que são as mais afetadas — disse.

O diretor de Negócios da empresa Gas Energy, Pedro Camarota, disse que apesar de o país estar atravessando um período seco, é preciso esperar mais um pouco. Mas segundo Camarota, o governo já deve definir um plano de redução do consumo com cortes seletivos por exemplo, do fornecimento de gás para ser desviado para as térmicas.

Se a Petrobras tivesse gás suficiente poderiam ser gerados com as usinas térmicas cerca de 8.500 megawatts (MW). A Petrobras se comprometeu no ano passado a fornecer gás para gerar 2.200 MW, devendo elevar para 3.900 MW no primeiro semestre deste ano e 4.670 MW até o fim deste ano.

O presidente do grupo Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), Delson Luiz Martini, recomendou que os consumidores gaúchos voltem a racionalizar o consumo de energia, já que o consumo em 2007, bateu recorde no estado. O consumo residencial, responsável por 23% do total da energia elétrica consumida no Rio Grande do Sul, apresentou crescimento de 7,4% em 2007, comparado ao ano anterior, demonstrando uma mudança do comportamento das famílias gaúchas. (Ramona Ordoñez e Higinio Barros)